



*ERA IMPOSSÍVEL SABER que género de vida teria tido a menina. Em quem se teria tornado. Em que poderia ter trabalhado, quem teria amado, por quem teria sofrido, quem teria perdido ou conquistado. Ou se teria filhos e, em caso afirmativo, como seriam. Nem sequer era possível imaginar como seria em adulta. Aos quatro anos, ainda nada estava definido. Os olhos haviam mudado de azul para verde, e o cabelo, escuro à nascença, clareara. Mas o louro exibia um tom arruivado e sem dúvida que a cor ainda iria mudar. Era particularmente difícil determiná-lo naquele momento. Ela jazia no fundo do lago com o rosto virado para baixo. A nuca estava coberta de sangue denso, coagulado. Apenas as madeixas que flutuavam em torno da cabeça, apontando em todas as direções, apresentavam aqueles tons subtis no cabelo claro.*

*Não se podia dizer que este cenário com a menina era particularmente macabro. Não era mais macabro do que se ela não estivesse ali, dentro de água. Os ruídos da floresta eram os mesmos de sempre. A luz filtrava-se por entre as árvores, como sempre acontecia àquela hora do dia. A água movia-se tranquilamente em redor da criança, e a superfície apenas era perturbada por uma libélula que, de vez em quando, pousava ali e produzia uma ligeira ondulação. A metamorfose já começou e, com o passar do tempo, a menina fundir-se-á com a floresta e com a água. Se ninguém a encontrar, a natureza seguirá o seu curso e transformá-la-á numa parte de si.*

*Até ao momento, ninguém sabia que ela desaparecera.*





– ACHAS QUE A TUA MÃE VAI DE BRANCO? – perguntou Erica, virando-se para Patrik, deitado ao seu lado na cama.

– Tens cá uma piada! – respondeu o marido.

Erica riu-se e deu-lhe uma cotovelada.

– Porque é que te custa tanto aceitar o casamento da tua mãe? Há muito que o teu pai voltou a casar e ninguém estranhou, pois não?

– Sei que sou ridículo – disse Patrik, abanando a cabeça enquanto pousava os pés no chão e começava a calçar as meias. – Simpatizo com o Gunnar e acho ótimo que a minha mãe já não tenha de viver sozinha, mas...

Levantou-se e vestiu as calças de ganga.

– Para ser franco, estranho um pouco. A minha mãe está sozinha desde que me lembro. Julgo que se poderá dizer que sinto algum constrangimento por se tratar da minha mãe. Enfim, não sei bem porquê, mas parece-me... estranho que volte a casar.

– Quer dizer que te parece estranho que o Gunnar e a tua mãe durmam juntos?

Patrik tapou os ouvidos com as mãos.

– Para com isso!

Rindo-se, Erica atirou-lhe uma almofada. Patrik pagou-lhe na mesma moeda e começaram as hostilidades. Patrik atirou-se para cima da mulher, mas a luta rapidamente deu lugar a carícias e a suspiros profundos. As mãos de Erica deslizaram para os botões das calças de ganga de Patrik e começaram a desabotoar o primeiro.

– Que estão a fazer?

Ao ouvir a voz límpida de Maja, ambos pararam e viraram-se para a porta aberta. Maja não estava sozinha, com ela encontravam-se os irmãozinhos gémeos, que observavam alegremente os pais na cama.

– Só estávamos a fazer cócegas um ao outro – explicou Patrik, levantando-se sem fôlego.

– Tens mesmo de arranjar a fechadura da porta! – sibilou Erica, tapando-se com o lençol para ocultar os seios nus.

Sentou-se na cama e sorriu aos filhos com ar forçado.

– Porque é que não descem e começam a tomar o pequeno-almoço? Nós já vamos ter convosco.

Patrik já conseguira acabar de se vestir e expulsou as crianças à sua frente.

– Se não consegues consertar a fechadura sozinho, podes pedir ao Gunnar. Parece ter sempre a caixa de ferramentas a postos. A não ser que esteja ocupado com a tua mãe noutra atividade...

– Só tu, Erica... – disse Patrik, rindo-se e saindo do quarto.

Com um sorriso nos lábios, Erica voltou a afundar-se na cama. Podia dar-se ao luxo de descansar mais uns minutos. Não ter horários a cumprir era uma das vantagens de ser patroa de si própria, embora, ao mesmo tempo, isso também pudesse considerar-se uma desvantagem. Ganhar a vida como escritora implicava ter força de vontade e autodisciplina, e às vezes sentia-se um pouco sozinha. No entanto, Erica adorava aquele trabalho. Adorava escrever e dar à luz as histórias e os destinos que escolhera retratar. Adorava revolver tudo e pesquisar, na tentativa de descobrir o que realmente acontecera e porquê. Estava ansiosa por meter mãos ao trabalho no caso em que se concentrava naquele momento. O caso da pequena Stella, raptada e assassinada por Helen Persson e Marie Wall, comovera-a profundamente e continuava a comover todos os habitantes de Fjällbacka.

E, agora, Marie Wall regressara. A célebre atriz de Hollywood estava em Fjällbacka para protagonizar um filme sobre Ingrid Bergman. Naquela vila costeira não se falava de outra coisa.

Toda a gente conhecia pelo menos uma das raparigas ou as respetivas famílias e todos se haviam sentido consternados naquela tarde de julho de 1985, quando o cadáver de Stella foi encontrado no pequeno lago.

Erica virou-se de lado e perguntou a si própria se, há trinta anos, o sol estaria tão quente como agora. Era isso mesmo que ia verificar depois de percorrer os poucos metros de corredor que a

separavam do seu escritório. Mas não havia pressa. Fechou os olhos e adormeceu, embalada pelas vozes de Patrik e dos filhos lá em baixo, na cozinha.

Helen inclinou-se para a frente e olhou em redor. Apoiou-se nos joelhos com as mãos suadas. Tinha acabado de bater o recorde pessoal, apesar de ter ido correr mais tarde do que era costume.

À sua frente, o mar azul e límpido brilhava, porém, interiormente, sentia uma tempestade a agigantar-se. Endireitou-se, esticou-se e envolveu o corpo com os braços sem conseguir parar de tremer. «Alguém acabou de passar por cima da minha campa», dizia sempre a mãe quando tinha calafrios. E talvez aquilo tivesse algum fundo de verdade. Não que alguém tivesse passado por cima da campa *dela*. Mas talvez por cima da campa de alguém.

O tempo estendera um véu; as memórias eram agora bastante difusas. Só se lembrava das vozes de todas aquelas pessoas a quererem saber exatamente o que acontecera. Tinham repetido a mesma coisa uma e outra vez até Helen já não conseguir distinguir a sua verdade da verdade delas.

Na altura parecera-lhe impossível poder regressar a Fjällbacka e reconstruir ali a vida. Porém, ao longo dos anos, os rumores e as coscuvilhices foram esmorecendo, transformando-se num murmúrio débil até se silenciarem definitivamente. Helen sentia ter voltado naturalmente a fazer parte da vida da vila.

Mas agora o falatório iria recomeçar. Viria tudo de novo à superfície. E, como frequentemente sucede na vida, houve uma série de coincidências. Helen não conseguia dormir há várias semanas, desde que recebera a carta de Erica Falk a dizer que estava a escrever um livro e que queria encontrar-se com ela. Helen virou-se forçada a pedir a receita dos comprimidos que já não tomava há muito. Sem aqueles comprimidos, não estaria preparada para enfrentar o próximo embate: Marie regressara.

Tinham passado trinta anos. Helen e James haviam vivido sossegados e sem dar nas vistas, e Helen sabia que era essa a vida que James queria. *Hão de acabar por deixar de falar nisso*, afirmara o marido. E tinha razão. Aqueles momentos sombrios passaram

depressa, mas para isso Helen tivera de se certificar de que não fazia grandes ondas. E tinham conseguido manter as memórias ao largo. Até àquele momento. As imagens começaram a faiscar-lhe na mente. Conseguia ver o rosto de Marie com muita nitidez. E o sorriso feliz de Stella.

Helen voltou a olhar para o mar, tentando concentrar-se nas ondas que se enrolavam lentamente em direção à costa. Mas as imagens recusavam-se a deixá-la em paz. Marie estava de volta e com ela trazia a desgraça.

– Desculpe, onde é a casa de banho?

Sture presenteou Karim, e todos os outros que se tinham reunido no centro de acolhimento para refugiados de Tanumshede para o curso de sueco, com um olhar encorajador.

Todos repetiram a frase o melhor que puderam:

– Desculpe, onde é a casa de banho?

– Quanto custa um destes? – prosseguiu Sture.

Mais uma vez, todos repetiram em uníssono:

– Quanto custa um destes?

Karim esforçava-se por relacionar os sons produzidos por Sture, junto ao quadro, com o texto escrito no livro. Era tudo tão diferente. As letras a decifrar, os sons a pronunciar.

Percorreu a sala com os olhos e viu um valoroso grupo de seis pessoas. Todos os outros estavam lá fora ao sol, a jogar à bola, ou em casa, deitados na cama. Alguns tentavam fazer com que o dia e as lembranças passassem enquanto dormiam, outros trocavam *e-mails* com amigos e familiares que ainda estavam vivos e acessíveis ou navegavam em *sites* de jornais. Não é que houvesse muitas informações disponíveis. O Governo só difundia propaganda e as agências de informação internacionais tinham muita dificuldade em fazer entrar os correspondentes no país. Karim também fora jornalista na vida que levara antes e compreendia a dificuldade em difundir notícias precisas e atualizadas de um país em guerra como a Síria, dilacerado interna e externamente.

– Obrigado por nos convidarem para a vossa casa.

Karim resfolegou. Era uma frase que nunca utilizaria. Se havia algo que aprendera imediatamente era que os suecos eram pessoas

reservadas. Nem ele nem os outros tinham tido qualquer contacto com os habitantes locais, à exceção de Sture e dos funcionários do centro de acolhimento.

Era como se tivessem ido parar a um enclave dentro do país, isolado do resto do mundo. Só se tinham uns aos outros. E as memórias da Síria. As boas, mas sobretudo as más. Aquelas que muitos reviviam continuamente. As mesmas que Karim tentara suprimir para sempre. A guerra que se transformara no seu quotidiano. A longa viagem em direção ao norte, à terra prometida.

Karim fizera essa viagem com a sua querida mulher, Amina, e os filhos, Hassan e Samia. Só isso interessava. Conseguira pô-los em segurança e dar-lhes a oportunidade de terem um futuro. Às vezes, os cadáveres a flutuar na água entravam à força nos seus sonhos, mas quando abria os olhos já lá não estavam. Karim e a família encontravam-se ali. Na Suécia. Nada mais importava.

– Como se diz fazer amor com alguém?

Adnan riu-se das próprias palavras. Ele e Khalil eram os homens mais novos no centro. Estavam sentados lado a lado e incentivavam-se à vez.

– Tenham respeito – disse Karim em árabe, fulminando-os com o olhar.

Adnan encolheu os ombros como que a pedir desculpa a Sture, que assentiu quase impercetivelmente.

Khalil e Adnan haviam chegado sozinhos, sem família, sem amigos. Tinham conseguido deixar Aleppo antes que a fuga da cidade se tornasse demasiado perigosa. Fugir ou ficar? Ambas as opções se poderiam revelar um perigo mortal.

Karim não podia zangar-se com os conterrâneos apesar da flagrante falta de respeito. Eram miúdos assustados e sozinhos num país estranho. Restava-lhes o descaramento. Tudo o mais lhes era estranho. Karim conversara um pouco com eles depois das aulas. As famílias haviam reunido todo o dinheiro que possuíam para lhes dar a possibilidade de partir. Aqueles rapazes carregavam um grande peso aos ombros. Não só se viram atirados para um mundo completamente diferente como ainda tinham o dever de ganhar a vida o mais depressa possível para poderem salvar os entes queridos da guerra. No entanto, apesar de os compreender, Karim considerava

a falta de respeito pela nova pátria inaceitável. Por mais medo que os suecos tivessem dos refugiados, tinham-nos acolhido e tinham-lhes dado abrigo e comida. E Sture passava ali os tempos livres, a esforçar-se por ensinar os refugiados a perguntar quanto custavam os bens e onde era a casa de banho. Karim podia não conseguir compreender os suecos, mas sentia-se eternamente grato pelo que tinham feito pela família. Nem todos partilhavam aquela atitude e aqueles que não respeitavam o novo país comprometiam as relações entre ambos e faziam com que os suecos encarassem todos os refugiados com suspeição.

– Hoje, o tempo está muito bom – disse Sture, articulando cuidadosamente as palavras junto ao quadro negro.

– Hoje, o tempo está muito bom – repetiu Karim, sorrindo para si próprio.

Depois de dois meses na Suécia, compreendia a gratidão dos suecos sempre que o Sol despontava. «Que tempo de merda» tinha sido uma das primeiras frases que aprendera no novo idioma. Mesmo que a pronúncia ainda não fosse a correta.

– Quantas vezes achas que se faz amor naquela idade? – perguntou Erica, bebendo um golinho de espumante.

A gargalhada de Anna atraiu os olhares dos outros clientes do Café Bryggan.

– Estás a falar a sério, mana? É nisso que andas a pensar? Em quantas vezes é que a mãe do Patrik faz amor?

– Sim, mas estou a pensar numa perspetiva mais a longo prazo – explicou Erica, levando à boca uma colherada de *cioppino*. – Quantos anos de vida sexual satisfatória nos restarão? Será que se perde o interesse algures pelo caminho? O apetite sexual é substituído por um desejo irresistível de resolver palavras cruzadas ou *sudoku*, ou de comer doces, ou será que se mantém constante?

– Hum... não sei.

Anna abanou a cabeça e recostou-se na cadeira numa tentativa de encontrar uma posição confortável. Olhando para a irmã, Erica sentiu um nó na garganta. Ainda passara pouco tempo desde que ambas haviam sido vítimas do terrível acidente de viação em que Anna perdera o bebé que esperava. As cicatrizes que tinha no rosto permaneceriam para sempre. Porém, daí a pouco tempo daria à luz

o filho que resultara do amor entre ela e Dan. Às vezes, a vida podia ser muito surpreendente.

– Mas, por exemplo, na tua opinião...

– Se te estiver sequer a passar pela cabeça dizer «a Mãe e o Pai», levanto-me e vou-me já embora – disse Anna, erguendo a mão. – Nem quero pensar nisso.

Erica fez um sorriso rasgado.

– *Okay*, não vou exemplificar com os pais. Mas, na tua opinião, quantas vezes fazem amor a Kristina e o Bob o Construtor?

– Erica! – Anna cobriu o rosto com as mãos e abanou de novo a cabeça. – Tens de parar de chamar «Bob o Construtor» ao pobre Gunnar, porque por acaso é um homem simpático e prestável.

– Está bem, então vamos antes falar do casamento. Também foste convocada para ajudar a escolher o vestido? Não posso ser só eu a ter de fingir estar entusiasmada e a fazer ar de aprovação enquanto a Kristina me mostra todos aqueles horrorosos vestidos para matronas.

– Sim, a Kristina também me pediu – disse Anna, esforçando-se por conseguir sentar-se direita para comer a sanduíche de camarão.

– Porque é que não pousas o prato na barriga? – sugeriu Erica com um sorriso recompensado por um olhar assassino de Anna.

Por mais que Anna e Dan desejassem aquele bebé, a barriga de Anna estava enorme e não era muito agradável passar a gravidez com aquele intenso calor estival.

– Não podias tentar influenciá-la um pouco? A Kristina tem uma figura excelente, tem menos cintura do que eu e um peito mais bonito... só que nunca se atreve a mostrá-lo. Imagina como lhe deve ficar bem um vestido de renda um pouco decotado!

– Se estás a pensar modificar o estilo da Kristina, não me metas nisso – avisou Anna. – Estou a pensar dizer-lhe que fica fantástica, independentemente dos vestidos que me mostre.

– És uma cobarde.

– Preocupa-te com a tua sogra que eu preocupo-me com a minha.

Anna deu uma dentada na sanduíche de camarão, saboreando-a.

– Sim, claro, porque a Esther é realmente uma pessoa muito difícil! – disse Erica, visualizando a doce mãe de Dan, que nunca na vida tinha expressado a mais pequena crítica ou manifestado uma opinião contrária.

Erica sabia-o por experiência própria, dos tempos já longínquos em que namorara com Dan.

– Não, tens razão, tive sorte em relação à Esther – disse Anna, saltando depois um palavrão quando deixou cair a sanduíche no vestido.

– Oh, não te preocupes, ninguém vai olhar-te para a barriga com esses balões que tu tens agora – disse Erica indicando as copas G de Anna.

– Está calada, tonta.

Anna limpou o melhor possível a maionese que lhe caiu no vestido. Erica inclinou-se para a frente, puxou o rosto da irmã para si e beijou-a na face.

– Que foi isso? – perguntou Anna com espanto.

– Adoro-te, é só isso – respondeu Erica erguendo o copo com naturalidade. – À nossa, Anna. À tua, à minha e à nossa família louca, a tudo o que já ultrapassámos e ao facto de já não haver segredos entre nós.

Anna pestanejou algumas vezes e, em seguida, ergueu o copo de *Coca-Cola* para brindar com Erica.

– À nossa!

Por uma fração de segundo, Erica pensou ter captado um reflexo escuro nos olhos de Anna, porém, no momento seguinte tinha desaparecido. Devia ter imaginado.

Sanna inclinou-se sobre o arbusto de jasmim e inalou o perfume, mas desta vez não sentiu o habitual efeito calmante. Os clientes moviam-se em seu redor, erguiam os vasos e punham húmus nos carrinhos de mão, mas Sanna mal reparava neles. A única coisa que via à frente era o sorriso falso de Marie Wall.

Nem imaginava o que se passara na cabeça de Marie para regressar passados todos aqueles anos. Como se não lhe bastasse dar de caras com Helen na vila e ter de cumprimentá-la com um aceno de cabeça.

Tinha aceitado o facto de Helen viver perto, de poder encontrá-la a qualquer momento. Podia ver o sentimento de culpa nos olhos de Helen, como aquilo a consumia cada vez mais com o passar dos anos. Marie, por sua vez, nunca revelara quaisquer remorsos e aquele sorriso rasgado aparecia em todas as revistas cor-de-rosa.

E agora, a falsa, bela e sorridente Marie, estava de volta. Tinham frequentado a mesma turma na escola, e Sanna sempre lhe invejara as pestanas grossas e o cabelo louro comprido que lhe caía em caracóis nas costas, mas também vira a escuridão dentro dela.

Felizmente, os pais não tiveram de ver o rosto sorridente de Marie na cidade. Sanna tinha treze anos quando a mãe morreu de cancro no fígado e quinze quando o pai faleceu. Os médicos nunca conseguiram identificar uma causa precisa, mas Sanna sabia o que tinha acontecido. O pai morrerá de desgosto.

Sanna abanou a cabeça e percebeu que vinha uma enxaqueca a caminho.

Fora obrigada a ir viver com a irmã da mãe, a tia Linn, mas nunca conseguira sentir-se em casa. A tia Linn e o tio Paul tinham filhos muito mais novos e não faziam a mais pequena ideia do que fazer com uma adolescente órfã. Nunca foram maus nem a trataram mal e deram o seu melhor, mas nunca deixaram de ser dois estranhos.

Sanna optara por um instituto distante, especializado em horticultura, e começara a trabalhar logo após a formatura. E a partir desse momento tornara-se independente. Geria um pequeno centro de jardinagem nos arredores de Fjällbacka e ganhava o suficiente para si e para a filha. Não precisava de mais.

Quando Stella foi assassinada, os pais transformaram-se em mortos-vivos, e Sanna compreendia-os perfeitamente. Algumas pessoas nasciam com uma luz mais brilhante do que outras e Stella era uma delas. Sempre feliz, sempre generosa, distribuía beijos e abraços a todos os que a rodeavam. Se, naquela manhã quente de verão, Sanna pudesse ter escolhido morrer em vez de Stella, tê-lo-ia feito sem hesitar. Mas foi Stella que foi encontrada a boiar no lago. E depois disso, não restara nada.

– Desculpe, há algum tipo de rosa que não precise de tantos cuidados?

Sanna estremeceu e ergueu o olhar para a mulher que se aproximara sem que desse por ela.

A mulher sorriu-lhe e as rugas do rosto de Sanna atenuaram-se.

– Adoro rosas, mas infelizmente não tenho queda para a jardinagem.

– Procurava alguma cor em particular? – perguntou Sanna.

Era especialista em ajudar as pessoas a encontrar as plantas mais apropriadas para elas. Para algumas eram preferíveis as flores que precisavam de bastantes cuidados e atenção. Conseguiam fazer as orquídeas medrar e florescer e poderiam viver muitos anos felizes juntas. Outras, mal conseguiam cuidar de si próprias, por isso precisavam de plantas resistentes e fortes. Não necessariamente os catos, reservados para os casos mais difíceis. Mas, por exemplo, podia propor-lhes um lírio-da-paz ou um filodendro. E Sanna orgulhava-se de conseguir encontrar sempre a planta mais adequada a cada pessoa.

– Cor-de-rosa – disse a mulher com olhar sonhador. – Adoro cor-de-rosa.

– Então tenho mesmo a rosa perfeita para si. Chama-se *rosa spinosissima*. O mais importante é ter algum cuidado adicional quando a plantar. Abra um buraco fundo e encharque a terra. Depois, ponha um pouco de fertilizante, eu indico-lhe o mais adequado, e por fim plante a roseira. Encha com húmus e volte a regar. A rega é muito importante no início, quando a roseira está a fixar as raízes. Quando estabilizar basta fazer manutenção regular para que não seque. E deve ser podada todos os anos, na primavera. Quando as bétulas começarem a germinar, diz-se.

A mulher olhou encantada para a roseira que Sanna lhe pôs no carrinho. Sanna compreendia-a perfeitamente. As rosas tinham algo especial. Muitas vezes comparava as pessoas com as flores. Se Stella tivesse sido uma flor, teria definitivamente sido uma rosa. Uma *rosa gallica*. Adorável, magnífica, camadas sobre camadas de pétalas.

A mulher aclarou a voz.

– Está tudo bem? – perguntou.

Sanna abanou a cabeça, apercebendo-se de que estava novamente perdida em recordações.

– Sim, está tudo bem, estou só um pouco cansada. Este calor...

A mulher assentiu perante aquela resposta vaga.

Mas não, não estava tudo bem. O mal regressara. Sanna sentia-o tão distintamente como sentia o perfume das rosas.

× × ×

Passar férias com os filhos não era propriamente algo relaxante, pensou Patrik. Era uma estranha combinação de tudo o que era maravilhoso e de completa exaustão, sobretudo quando, como naquele momento, tinha de desvincular-se sozinho com os três filhos enquanto Erica almoçava com Anna. Além disso, contra todo o bom senso, fora com eles para a praia, porque em casa deixariam tudo em pé de guerra. Normalmente era mais fácil evitar que se pegassem se os mantivesse muito ocupados, mas esquecera-se de como a praia podia complicar tudo. Primeiro havia o risco de se afogarem. A casa ficava em Sälvik, quase à beira-mar, e acordava muitas vezes com suores frios depois de sonhar que um dos gémeos se escapulira de casa e vagueara até ao mar. Depois havia a areia. Noel e Anton não só a atiravam obstinadamente às outras crianças, o que fazia com que os outros pais dirigissem a Patrik olhares irritados, como, por algum motivo inescrutável, gostavam de encher a boca com ela. Por si só, a areia não constituía um problema, mas Patrik tremia só de pensar em todas as outras coisas nojentas que poderiam ir parar-lhes às pequenas bocas. Já tinha resgatado uma ponta de cigarro da mão cheia de areia de Anton, e era apenas uma questão de tempo até lhes calhar um pedaço de vidro. Ou uma saqueta de *snus*<sup>1</sup> usada.

Graças a Deus que havia Maja. Às vezes, Patrik sentia-se culpado por a filha assumir tanta responsabilidade em relação aos irmãos, mas Erica argumentava sempre que a menina gostava desse papel, tal como ela própria gostara de cuidar da irmã mais nova.

Nesse momento, Maja estava a vigiá-los, certificando-se de que não se aventuravam demasiado longe na água e, se isso acontecia, conduzia-os de volta à margem com mão firme. Também verificava o que punham na boca e limpava a areia do corpo das outras

---

<sup>1</sup> Tabaco para pôr na boca muito popular nos países nórdicos. (*N. do T.*)

crianças quando os irmãos lhes atiravam areia. Às vezes, Patrik desejava que a filha não fosse sempre tão prestável. Temia que o futuro de Maja pudesse estar repleto de úlceras se continuasse a ser tão conscienciosa.

Por causa do problema cardíaco que tivera há alguns anos, Patrik sabia como era importante cuidar de si próprio, permitindo-se tempo para descansar e relaxar. Mas será que umas férias com os filhos lho proporcionavam? Mesmo que os amasse acima de tudo, em dias como aqueles desejava a paz e o sossego da esquadra de Tanumshede.

Marie Wall apoiou-se às costas da espreguiçadeira e esticou a mão para alcançar a sua bebida. Um *Bellini*. Champanhe e sumo de pêsego. Bem, infelizmente não tinha nada que ver com o do Harry's Bar, em Veneza. Não havia pêsegos frescos em Fjällbacka. Tinha de contentar-se com o champanhe barato com que os forretas da produtora lhe tinham enchido o frigorífico, e misturá-lo com sumo de pêsego *ProViva*. Exigira que os ingredientes para preparar os *Bellinis* estivessem lá quando chegasse e parecia que aquilo era o melhor que tinham conseguido desencantar.

Estar ali outra vez provocava-lhe uma sensação estranhíssima. Claro que não estava em sua casa. Essa fora demolida há muito. Marie não podia deixar de se interrogar se, depois de tudo o que lá acontecera, os habitantes da nova casa, construída no terreno antigo, nunca tinham sido atormentados por espíritos malignos. Provavelmente não. Sem dúvida que o mal tinha ido para debaixo da terra com os pais.

Bebeu outro golo de *Bellini*. Olhou em redor e perguntou-se onde estariam os proprietários daquela vivenda. Uma semana de agosto com um tempo de verão fantástico era decerto a época do ano em que mais podiam desfrutar de uma casa que custara muitos milhões, entre compra e remodelação, mesmo que não passassem muito tempo na Suécia. Mas provavelmente estavam na Provença, naquela casa parecida com um castelo que Marie encontrara quando os pesquisara no *Google*. Os ricos raramente se contentavam com algo menos do que o melhor. Incluindo casas de férias.

No entanto, estava-lhes grata por lha terem alugado. Era ali que se refugiava todos os dias depois de as filmagens terminarem. Sabia que aquela tranquilidade não iria durar muito: algum dia iria seguramente voltar a cruzar-se com Helen e não tinha dúvidas de que ficaria impressionada por terem em tempos significado tanto uma para a outra e por as coisas terem mudado tanto desde então. Mas ainda não estava preparada para isso.

– Mamã!

Marie fechou os olhos. Desde o nascimento da filha que tentara em vão convencer Jessie a chamá-la pelo nome em vez de empregar aquele rótulo terrível. A rapariga chamava-lhe obstinadamente «mamã», como se assim pudesse transformá-la numa dessas mães idiotas e terra-a-terra.

– Mamã?

A voz vinha mesmo de detrás dela, e Marie deu-se conta de que não podia esconder-se.

– Sim? – respondeu, estendendo uma mão para o copo.

As bolhas beliscaram-lhe a garganta. Sentia o corpo mais mole e descontraído a cada golinho.

– Eu e o Sam estávamos a pensar ir dar uma volta de barco. Pode ser?

– Sim, claro – disse Marie, e bebeu mais um pouco.

Olhou para a filha com os olhos semicerrados sob o chapéu.

– Queres um bocadinho?

– Tenho quinze anos, mamã – respondeu Jessie com um suspiro.

Caramba, sempre tão certinha que se tornava difícil acreditar que era sua filha. Felizmente tinha, pelo menos, conseguido conhecer um rapaz depois de chegarem a Fjällbacka.

Marie voltou a recostar-se na espreguiçadeira e fechou os olhos, mas voltou a abri-los de imediato.

– Porque é que ainda estás aqui? – perguntou. – Estás a fazer-me sombra. Estou a tentar bronzear-me. Depois do almoço volto para as filmagens e querem que o meu bronzeado pareça natural. Quando passava o verão em Dannholmen, Ingrid Bergman parecia um biscoito de gengibre.

– Eu... – começou Jessie, mas depois rodou nos calcanhares e afastou-se.

Marie ouviu a porta de entrada bater e sorriu para si mesma. Finalmente sozinha.

Bill Andersson abriu a tampa da cesta e tirou uma das sanduíches preparadas por Gun. Antes de voltar a fechar rapidamente a tampa olhou de relance para o céu. As gaivotas eram muito velozes e, se não prestassem atenção, roubar-lhes-iam todo o almoço. No cais, então, estavam particularmente vulneráveis.

Gun deu-lhe uma cotovelada de lado.

– Afinal acho que é boa ideia – disse. – Maluca, mas boa.

Bill fechou os olhos enquanto dava uma dentada na sanduíche.

– Achas mesmo ou estás a dizer isso só para agradar ao teu marido? – perguntou.

– Desde quando é que eu digo alguma coisa só para te agradar? – perguntou Gun, e Bill viu-se forçado a dar-lhe razão.

Nos quarenta anos passados juntos, poucas tinham sido as vezes em que Gun não fora brutalmente sincera.

– Sim, de facto tenho refletido nisso desde que vimos aquele documentário, *Nice People*<sup>2</sup>, sobre a equipa de *bandy*<sup>3</sup> que vive e treina cá na Suécia, e acho que também poderá funcionar aqui alguma coisa do género. Falei com o Rolf, no centro de acolhimento, e eles não se divertem muito por lá. As pessoas são tão cobardes que nem sequer têm coragem de se aproximar dos refugiados.

– Aqui em Fjällbacka basta ser-se de Strömstad como eu para se ser considerado um forasteiro – disse Gun, que pegou noutro pão, acabado de comprar na *Zetterlinds*, e barrou-o com uma espessa camada de manteiga. – Se os habitantes locais tratam as pessoas de outro condado como estrangeiras, talvez não seja assim tão estranho não receberem os sírios propriamente de braços abertos.

– Bem, está na hora de começarem todos a mudar de atitude – declarou Bill, abrindo a mão. – Esta gente veio para cá com os filhos para fugir da guerra e da miséria e passou por muito na viagem, por isso temos de encontrar uma maneira de fazer com que as pessoas daqui comecem a falar com eles. Se conseguimos ensinar os somalis a patinar no gelo e

<sup>2</sup> Realizado na Suécia em 2015 por Anders Helgeson e Karin af Klintberg. (*N. do T.*)

<sup>3</sup> Desporto de inverno. Antepassado do hóquei no gelo. (*N. do T.*)

a jogar *bandy*, então também devemos ser capazes de ensinar os sírios a velejar. Por acaso a Síria tem costa? Talvez até já sejam capazes de velejar.

Gun abanou a cabeça.

– Não faço ideia, meu querido, tens de pesquisar na Internet.

Bill pegou no *iPad* que ficara pousado junto deles depois de terem acabado o desafio matinal de *sudoku*.

– Tinha razão, a Síria realmente tem costa, mas é difícil saber quantos dos que cá estão viviam perto do mar. Sempre disse que *todos* podem aprender a velejar e esta será uma boa oportunidade de prová-lo.

– Mas não basta velejarem pelo simples prazer de o fazer? Têm mesmo de competir?

– Era exatamente aí que o documentário *Nice People* queria chegar. Os somalis foram motivados por uma competição a sério. Foi uma espécie de afirmação.

Bill sorriu. Era uma satisfação conseguir expressar-se de maneira a que aquilo parecesse ao mesmo tempo uma ideia refletida e razoável.

– Sim, mas porque tem de ser uma, como é que disseste?... Uma «afirmação»?

– Porque senão não terá o mesmo impacto. Quanto mais pessoas ficarem inspiradas, tal como aconteceu comigo, mais a ideia se propagará como círculos na água, e será mais fácil os refugiados integrarem-se na sociedade.

Bill já se imaginava a dar início a um movimento nacional. Era assim que as grandes mudanças começavam. Quem sabe aonde poderia chegar o que fora iniciado com a entrada dos somalis no campeonato mundial de *bandy* e continuado com os sírios a competir em regatas de vela?

Gun pôs a mão sobre a dele e sorriu-lhe.

– Ainda hoje vou falar com Rolf para tentar marcar uma reunião no centro – acrescentou Bill, pegando noutro pão.

Depois de um momento de hesitação, pegou noutro e atirou-o às gaiotas. Afinal de contas, também tinham o direito de comer.

Eva Berg arrancava as ervas e colocava-as na cesta junto de si. Como de costume, ficava emocionada quando olhava para os campos. De como tudo aquilo era deles. A história da quinta nunca os tinha incomodado. Nem ela nem Peter eram particularmente

supersticiosos. Claro que, quando compraram a quinta, há dez anos, tinha-se falado muito sobre todos os infortúnios que atingiram a família Strand. No entanto, pelo que Eva percebera, fora um único acontecimento trágico a causar todos os problemas. A morte da pequena Stella conduziu aos acontecimentos em cadeia que destruíram os Strand, e isso não tinha nada que ver com aquela quinta.

Inclinou-se para frente e continuou a procurar ervas daninhas, ignorando a dor nos joelhos. Para ela e Peter, a nova casa era um paraíso. Vinham da cidade, se é que Uddevalla podia ser considerada uma cidade, mas sempre tinham sonhado viver no campo. A quinta nos arredores de Fjällbacka parecera-lhes perfeita em todos os aspetos. E só puderam dar-se ao luxo de a comprar porque o preço baixara por causa do que acontecera aos Strand. Eva esperava conseguirem preenchê-la com amor e energia positiva suficientes.

O melhor de tudo era a forma saudável como Nea estava a crescer ali. Tinham-lhe chamado Linnea, porém, como a menina se referia a si própria como Nea desde muito pequena, o diminutivo tornara-se tão natural para Eva e Peter que começaram também a chamar-lhe assim. Tinha quatro anos e era tão teimosa e decidida que Eva já receava a adolescência. Mas parecia que ela e Peter não iam ter mais filhos, por isso, quando chegasse o momento, poderiam dedicar-se completamente a Nea. Mas esses dias ainda pareciam muito longínquos. Nea corria pela quinta como uma pequena bola repleta de energia, o cabelo louro e macio herdado da mãe a emoldurar-lhe o rosto claro. Eva receava sempre que a filha pudesse apanhar um escaldão, mas aparentemente tudo o que o sol provocava era o despontar de mais sardas.

Ergueu-se e limpou o suor da testa com o pulso, para não se sujar com as luvas de jardinagem. Adorava limpar as ervas daninhas na horta. Era um contraste refrescante com o trabalho anterior no escritório. Enchia-se de uma felicidade infantil ao ver as sementes que tinha semeado tornarem-se pequenas plantas que cresciam e floresciam até poderem ser colhidas. Eva e Peter cultivavam exclusivamente para consumo doméstico, já que não tinham meios para explorar a quinta toda. Porém, entre horta, ervas aromáticas e batatas semeadas, conseguiam praticamente sustentar-se. Às vezes, no entanto, Eva sentia-se culpada por estarem a dar-se tão bem. A vida corria-lhe melhor do que

algun dia podia ter imaginado. Não precisava de mais para além de Peter, Nea e da casa que tinham naquela quinta.

Começou a colher cenouras. Ao longe viu Peter a aproximar-se no trator. Peter trabalhava na *Tetra Pak*, mas gostava de passar a maior parte do tempo livre no trator. Naquela manhã saíra cedo, muito antes de Eva acordar, e levava o almoço num saco e um termo com café. Decidira limpar uma faixa de floresta que fazia parte da quinta, e Eva sabia que regressaria com lenha para o inverno. Chegaria sem dúvida transpirado e encardido, com os músculos doridos e um sorriso rasgado no rosto.

Eva colocou as cenouras num cestinho e pousou-o. Ia cozinhá-las para o jantar daquela noite. Depois tirou as luvas de jardinagem, deixou-as cair ao lado do cestinho e foi ao encontro de Peter. Semicerrou os olhos e procurou Nea no trator. Devia ter adormecido, como sempre acontecia. Levantara-se ainda de madrugada, mas adorava ir com Peter à floresta. Gostava mesmo muito da mãe, mas tinha uma verdadeira adoração pelo pai.

Peter entrou no pátio com o trator.

– Olá meu amor – disse Eva depois de Peter desligar o motor.

Quando o viu sorrir, o coração acelerou-lhe no peito. Passados todos aqueles anos, o marido ainda lhe fazia tremer as pernas.

– Olá minha linda! O dia correu-vos bem?

– Hum, sim...

Porque é que Peter perguntara se o dia «lhes» tinha corrido bem?

– E o vosso? – perguntou Eva.

– O nosso? – perguntou por sua vez Peter, dando-lhe um beijo suado.

Olhou em redor.

– Onde está a Nea? Está a dormir uma sesta?

Os ouvidos de Eva zumbiram e, parecendo vir de longe, ouviu a própria voz dizer:

– Pensei que a Nea estivesse contigo.

Olharam um para o outro enquanto o mundo deles se desmoronava.